
Juan Varela

A identidade criacional do homem e da mulher, o casamento e a família, face à ideologia de género

Provavelmente, o ataque mais direto e frontal do «novo» movimento social denominado Modernidade Líquida — cujo braço executor no Ocidente se chama ideologia de género — é o ataque a dois aspetos fundamentais: a identidade e a família. Por isso, em primeiro lugar, cabe-nos definir e defender a identidade criacional e ainda biológica do ser humano; cabe-nos definir e defender os fundamentos do casamento e a estrutura familiar tal como Deus os estabeleceu, e também do ponto de vista cultural e sociológico. Por outro lado, cabe-nos definir e defender-nos desta nova realidade social chamada ideologia de género, que ameaça destruir os alicerces da cultura judaico-cristã e os pilares da civilização ocidental.

A identidade criacional

A questão da identidade é um tema central na história da humanidade, na teologia e na antropologia. A identidade é «o todo» da pessoa, pois responde a perguntas essenciais sobre a nossa origem, propósito e destino. Quando o homem e a mulher desobedecem a Deus em Génesis 3, ocorre uma perda da sua identidade e uma grave ruptura no sentido da sua existência. Enquanto permaneceram em proteção e obediência a Deus, tudo estava claro e o homem e a mulher eram *habitantes* do jardim do Éden. Sob o pecado e expulsos do jardim, tornam-se *errantes* na terra de Nod, e passarão toda a sua vida numa busca incessante pela sua identidade perdida. Por isso, a primeira pergunta da Bíblia, que surge em Génesis 2: «*Onde estás?*», revela o início da confusão na identidade do ser humano. O pecado provoca uma fratura integral, que Francis Schaeffer denomina «quadro teológico referencial»: fratura teológica, psicológica, sociológica e até ecológica.

Assim, acontece-nos o mesmo que a Adão e Eva, e hoje continuamos fora do Éden, em terra estranha. Parece que o castigo a que foram submetidos os nossos primeiros pais ao serem expulsos condenou o ser humano a viver como um nómada contemporâneo na ambígua e mutável aldeia global. O homem que não procura Deus continua perdido, tentando reencontrar a sua identidade na moderna terra de Nod, como um peregrino cético sempre à procura, sempre a mudar, sempre a transformar-se.

Este ataque destinado a confundir a identidade do ser humano é visível na própria vida de Jesus. No início do seu ministério, em Mt 4, quando Jesus estava a ser tentado por Satanás, as três tentações

começam da mesma forma: «Se és Filho de Deus...», ou seja, colocando em dúvida a sua identidade. Posteriormente, em Mt 16, ocorre a confissão de Pedro perante a pergunta de Jesus: «E vós, quem dizeis que eu sou?», essa afirmação «Tu és o Cristo, o Filho do Deus vivo», «rocha» pela solidez do que nela se declara, é a pedra angular da edificação da Igreja, Sobre que facto? Sobre a identidade de Jesus, que estava a ser confundida por muitos. Da mesma forma, e no final do seu ministério, quando Jesus estava a ser crucificado, continua o mesmo ataque à sua identidade: «*Se és Filho de Deus, desce da cruz e salva-te a ti mesmo*» (Mt 27,40). Satanás ataca a identidade de Jesus, para anular o seu propósito de morrer pela humanidade; tenta Jesus tanto no início do seu ministério como no seu fim, precisamente neste aspeto, ou seja, colocando em dúvida a sua identidade como Filho de Deus. Hoje em dia, repete-se a mesma estratégia; tudo se esbate e se mistura numa confusão de identidades sem precedentes, cujo objetivo final é desviar o homem do seu propósito principal: conhecer Deus.

Antropologia bíblica: *O desígnio revela o destino*

Identidade, transcendência e sociabilidade são os três grandes pilares da identidade do ser humano. Todo ser humano, homem ou mulher, precisa encontrar a resposta para a origem da sua existência, saber de onde vem, por que está aqui e para onde vai. Nós, crentes, temos uma grande vantagem na hora de responder a estas questões, pois temos a certeza de que o homem e a mulher são fruto da criação de Deus, dentro de um desígnio inteligente onde tudo obedece a um plano preparado desde a eternidade. Não viemos de uma explosão inicial e fortuita, mas de um desígnio inteligente e planeado.

Deus cria o homem da terra, do pó da terra, dotando-o à sua própria imagem e semelhança, enquanto a mulher é criada a partir do homem. «Terra e carne» marcam, desde o início, uma marca bem diferente em cada um, que poderíamos resumir nesta frase: «*O lar do homem é o mundo, enquanto o mundo da mulher é o lar*». Adão significa terra vermelha, pois o homem, ao ser criado do pó, partilha os mesmos elementos químicos que a terra (oxigénio, carbono e hidrogénio). É por isso que o homem está mais ligado à natureza, ao seu batimento vital e ancestral, aos pulsos da terra e ao espírito de conquista a que nos referíamos no início. Adão foi formado da terra e Eva foi formada da própria pessoa de Adão. Ele, da terra, e por isso indomável e selvagem; ela, da sua carne, e por isso relacional e próxima. Por isso, na experiência da paternidade, a mãe *retém* (o lar) e o pai *envia* (o mundo). Ela é a segurança do lar para os seus filhos, enquanto o pai é a ponte que os liga ao desafio do mundo exterior. O desenho revela o destino.

O mandato cultural proferido por Deus em Gn 1,22 deixa claro que a primeira missão que Deus confia ao homem e à mulher é um apelo à conquista, à aventura: «Crescei e multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a». O chamado é para ambos, é um chamado para a família, mas cada um responde a partir da sua natureza primitiva: Adão, que é formado da terra, portanto da natureza, é o encarregado de conquistar, lutar, dominar o meio. Eva, que é formada de Adão, da sua carne,

portanto do humano e do relacional, é a encarregada da harmonia no lar, do relacional, do afetivo. *Ele*, do continente, *ela* do conteúdo. A necessidade de conquista e a necessidade de um lar, «raízes e asas», são energias ancestrais enraizadas na alma de cada homem e de cada mulher. Não podemos negá-las, porque, na sua complementaridade, constituem a estabilidade da estrutura familiar.

A família como primeiro sistema social de referência

«Um pai e uma mãe unidos em matrimónio, de mãos dadas e a passear com os filhos ao colo, serão o gesto mais revolucionário e intrépido deste decadente século XXI.»

Com esta afirmação inquietante, iniciamos a secção em que nos cabe reivindicar o lugar que o casamento e a família ocupam como garantes da sociedade, pois todas as involuções defendidas pela ideologia de género, que negam a biologia mais elementar, a história da civilização humana e as suas formas de organização social gregária, acabam por constituir um ataque frontal à instituição da família, aquela que nos protegeu física e emocionalmente enquanto espécie e que, constituindo o principal ninho social de referência, molda a nossa personalidade e nos dá um sentido de identidade, enraizamento e pertença.

Como seres sociais, precisamos de fazer parte de redes ou sistemas onde possamos desenvolver relações significativas que dêem sentido às nossas vidas. Por isso, o valor social da família é inegável: constitui a célula básica da sociedade e o primeiro quadro relacional de todo o ser humano. A sua importância é absoluta, pois é nela que as pessoas adquirem os fundamentos formativos com os quais terão de se desenvolver na sociedade. Todos os conceitos e diretrizes para que um ser humano se desenvolva emocionalmente equilibrado, tanto no seu mundo interior como na sua rede social de relações, são aprendidos no contexto da família, a tal ponto que podemos afirmar que a família, como extensão natural do casamento, é o destino da pessoa.

No entanto, a desintegração da família e a total desvalorização do conceito de casamento são uma triste evidência de um modelo social que está a desmoronar-se por todos os lados. Estamos agora a colher os frutos amargos de uma sementeira em que não foram plantados os conceitos fundamentais da educação (valores, normas, afeto, disciplina). Vivemos numa sociedade em que «baralhámos as cartas» em todos estes aspetos de uma ética normativa. A abertura para os direitos do «indivíduo» desvalorizou o conceito de compromisso e dedicação; conseqüentemente, o casamento e a família são as primeiras vítimas desta sociedade líquida e mutante, mais preocupada com os direitos pessoais e a independência do indivíduo do que com a busca de relações estáveis e significativas. Até há algumas décadas, o foco da sociedade era a família, mas desde que os conceitos do marxismo cultural e da modernidade líquida entraram em cena, o foco passou a ser o indivíduo, a partir do egoísmo, do hedonismo e da independência.

É evidente que, perante um ataque tão direto e frontal, temos de defender e reivindicar os nossos valores e crenças, e devemos fazê-lo com coragem, conscientes de que a principal célula de resistência contra a tirania será a família.

O valor social do casamento e da família está fora de qualquer dúvida; não podemos dissociar a família da sociedade. O casamento é parte indispensável do plano estratégico de Deus para que a humanidade se desenvolva de acordo com o mandato cultural já mencionado. Este versículo é de extrema importância para compreender que a primeira missão divina, o primeiro mandato ao homem e à mulher, é o «ministério» ao casamento e à família. Portanto, dentro dessa ordem e desse plano pré-estabelecido, uma das primeiras coisas que Deus faz é fundar a instituição do casamento como garante desse chamado inicial.

O casamento não é uma instituição cultural, mas sim criacional

O casamento não foi concebido nem idealizado por nenhuma civilização ou cultura como um meio de regular ou organizar a sociedade, nem é uma instituição humana que precise de ser alterada ou atualizada de acordo com as necessidades ou tendências de cada nova geração.

O casamento, ao não ser fruto da cultura nem da sociedade, é uma questão criacional e não cultural¹, que deve ser vista como uma instituição que surge antes da história e se insere no contexto da própria criação, no âmbito do que, em teologia, se denomina «o estado de graça». O estado de graça é o período compreendido entre a criação e a irrupção do pecado em Génesis 3, quando o homem e a mulher viviam uma existência de plena harmonia entre si e com Deus, sem a coexistência com as consequências posteriores do pecado (morte, medo, dor). Nesse estado de perfeição, Deus funda duas instituições fundamentais que se destinavam a ser a base de toda a civilização posterior: a instituição do dia de descanso e a instituição do casamento.

Através da instituição do dia de descanso², Deus assegurava a permanência do culto que Lhe é devido, e através da instituição do casamento, Deus assegurava a permanência da humanidade e o cumprimento da Sua própria missão de nos multiplicarmos e preenchermos a terra. Por isso, o casamento é uma instituição fundamental e fundacional estabelecida por Deus para regular as bases sobre as quais toda a civilização posterior deveria assentar. Bases que, não sendo **culturais** (e, portanto, sujeitas a mudanças, ou seja, *adaptativas*), são **criacionais** (e, portanto, enraizadas em valores permanentes, ou seja, *normativas*) e servem para todas as épocas e tempos, não podendo ser adulteradas e desfiguradas por aspetos culturais como ideologias da moda, filosofias passageiras ou políticas experimentais. O que Deus estabeleceu no âmbito da criação deve ser normativo para

¹ Todos os aspetos culturais — modas, costumes, leis e tradições — variam e evoluem ao ritmo dos novos tempos e das novas sociedades. A cultura adapta-se e transforma-se.

² Quando Deus santifica o sétimo dia como dia de descanso, isso significa que Ele consagra e reserva esse dia especificamente para que o homem descanse do seu trabalho quotidiano e reflita sobre Deus, pois este é precisamente o sentido da palavra santidade. Isto assume o carácter de lei «oficial» quando os Dez Mandamentos são promulgados em Dt 5,12-14.

todos os tempos; não pode ser alterado nem destruído por nenhuma civilização, pois trata-se de uma questão criacional (*normativa*) e não cultural (*adaptativa*).

Assim, o significado heterossexual, monogâmico e permanente da união matrimonial e da família não é algo que cada nova geração possa redefinir livremente com base em aspetos culturais, ideológicos ou políticos. O significado exclusivo do casamento é definido por Deus e pela natureza única e complementar que Ele conferiu ao homem e à mulher.

A realidade social atual: Modernidade Líquida e Ideologia de Género

Não queremos ignorar a dura realidade que nos cabe viver numa sociedade em que o casamento, a família e a paternidade não são apenas aspirações ultrapassadas e anacrónicas, mas sim opções que são abertamente combatidas pelas novas estruturas de pensamento, como obstáculos ao novo «modelo social» a alcançar no século XXI. São essas estruturas de pensamento que agora nos cabe explicar, para que, ao conhecer as suas pretensões, saibamos defender-nos e defender os valores da nossa ética cristã.

Já lá vão os tempos das tradições saudáveis, em que a família continuava a ser a instituição que unia e conferia um sentido de dinastia e identidade geracional. Hoje vivemos tempos complicados em que os pilares da civilização ocidental estão a ser removidos, as bases judaico-cristãs da Europa e do Ocidente em geral estão a ser negadas, enquanto os novos conceitos da modernidade líquida e da ideologia de género estão a ser impostos nas políticas da maioria dos nossos países. A decadência da nossa cultura avança a passos largos; a família, em muitos casos, é apenas um facto circunstancial, e a maternidade é vista por grande parte das novas gerações como algo obsoleto que é preciso superar para que a mulher não fique relegada «ao papel opressor de mera reprodutora», usando a linguagem dos detratores da família natural.

A Modernidade Líquida: O último dos movimentos sociais

A modernidade líquida é o movimento cultural ou a nova cosmovisão social que substitui a ultrapassada pós-modernidade e que promove mudanças vertiginosas e radicais na civilização histórica, facilitando a transição para um pensamento mais holístico e universal. Esta perspetiva ultramoderna favorece o ressurgimento de uma sociedade cada vez mais uniforme, onde a ênfase é colocada na diluição da identidade, do género e da sexualidade da pessoa, e na qual os traços ou características diferenciadoras anteriormente atribuídas a cada sexo se apresentam indistintamente em ambos os géneros, esbatendo limites e criando uma estranha sensação de produção em série e de identidade flutuante ou mutante. Dentro desta nova «desordem social», imersa num processo de individualização e narcisismo sem precedentes, os conceitos de androginia e pangénero tornam-se extremamente relevantes, uma vez que cumprem a reivindicação histórica da «igualdade

de oportunidades» em todos os campos, tanto para a mulher como para o homem, gerando uma rejeição das identidades tradicionais e monolíticas pré-definidas de homem ou mulher.

Todo este ambiente propício dificulta que as pessoas tomem consciência da sua identidade, o que gera desorientação, falta de enraizamento, falta de propósito e de sentido de direção. Não há ideais, nem fé no futuro. Trata-se de um verdadeiro ataque à essência do ser humano, às suas raízes teológicas e antropológicas. É disso que se alimenta e com isso se funde a ideologia de gênero, criando confusão, vazio, desenraizamento e fomentando a cultura da sexualidade líquida com as suas múltiplas e quase infinitas variantes. São as consequências da falta de pontos de referência morais, éticos e teológicos.

A ideologia de gênero e as suas pretensões

As raízes da ideologia de gênero têm origem em aspetos do comunismo clássico (marxismo cultural), da revolução sexual, do feminismo radical e da crise da masculinidade. Resumindo, apresentamos a seguir, em 10 pontos, o que poderiam ser os seus principais objetivos:

- **Feminismo radical:** Vitimização e exaltação exagerada da mulher, e uma cultura de desconfiança em relação ao homem, acusado de ser a origem de muitos males.
- **Igualitarismo:** Negação das diferenças biológicas entre indivíduos, em prol do conceito igualitário e do gênero fluido.
- **Anticristianismo:** Oposição beligerante às raízes judaico-cristãs do Ocidente, acusadas de moral repressiva e de perpetuar o «heteropatriarcado» familiar.
- **Homossexualismo:** Promoção exagerada da cultura homossexual LGBTBI e vitimização perante os heterossexuais.
- **Colonização ideológica:** É necessário impor programas de doutrinação desde a infância, para criar uma nova forma de pensar nos nossos filhos e nas gerações futuras.
- **Relativismo moral:** Negação dos valores universais e da ética normativa; tudo é admissível e inclusivo, vale tudo (exceto discordar destes mandamentos).
- **Liberalismo ético.** Apoio e normalização de comportamentos que prejudicam as sociedades humanas e a ética mais elementar, como o aborto livre, a promiscuidade sexual, a pedofilia, o zoofilia, as drogas, etc.
- **Hedonismo.** A busca do prazer como um fim em si mesmo, sem quaisquer restrições éticas, morais ou religiosas.

- **Ditadura ideológica.** Pensamento único e rejeição frontal e agressiva de todas as ideias contrárias ao pensamento totalitário. Oposição a qualquer postura conservadora, tachando-a de homofóbica, fascista e repressiva.
- **Destrução ontológica do ser humano.** Procura-se uma verdadeira reestruturação antropológica, com vista a criar um indivíduo mutante capaz de se reinventar e redefinir o seu género sem qualquer tipo de limitações. Desta forma, a identidade do ser humano, enquanto criatura feita à imagem e semelhança de Deus, desaparece.

Sem dúvida que a coligação de todos estes movimentos poderia muito bem corresponder a um plano detalhado para transformar gradualmente o indivíduo num ser alienado e privá-lo das suas características naturais de identidade. Sim, trata-se de uma autêntica colonização ideológica que, a partir do feminismo radical e do lobby gay, pretende dar mais uma volta de porca aos já maltratados conceitos de heterossexualidade e género, diluindo ainda mais a sua identidade numa fusão onde tudo é relativo e mutável. Este é o movimento social e a doutrina que, como já mencionámos, se está a impor no ideário político de muitos partidos e, por conseguinte, de muitos governos. O vírus anda à solta e em livre circulação, é apenas uma questão de tempo e temos de estar preparados.

É realmente assustador observar para onde caminha a chamada civilização moderna. Estamos a alterar aspetos que pertencem à essência da criação no ser humano; trata-se de um domínio sagrado ao qual não nos é permitido entrar. O desígnio divino não pode ser profanado; as fronteiras da ética de Deus não podem ser transgredidas sem sofrer consequências amargas. Com a violação da nossa identidade natural, perdemos a paternidade e a filiação divinas, ficando nus e órfãos, e assim navegamos rumo à destruição da imagem de Deus no ser humano e do seu carácter social e coletivo.

As origens do feminismo radical e a crise da masculinidade

No que diz respeito ao movimento feminista, este teve início com o chamado «feminismo da igualdade», que defendia a igualdade de direitos e liberdades para as mulheres, sem renunciar a princípios inerentes à sua natureza, como a maternidade ou a constituição da família, onde a figura do homem não era demonizada, mas sim enquadrada num novo conceito de homem, afastado do machismo e da imposição. Consolidou-se no final da década de 60 com a revolução sexual e a emancipação da mulher. Começou, tal como os restantes movimentos, sendo algo positivo e com reivindicações legítimas de base, que procurava libertar a mulher de uma opressão histórica evidente. É verdade que, historicamente, o papel da mulher esteve sempre subordinado à vontade arbitrária do homem, e os seus direitos sociais claramente restringidos. Mesmo sob a tradição judaico-cristã e devido a uma leitura legalista e manipulada do texto bíblico, a mulher tem sido menosprezada na sua dignidade como ser humano e no seu valor como pessoa, o que contribuiu

para uma maior radicalização dos coletivos feministas. Assim, a injustiça social, resultante do facto de as mulheres terem permanecido oprimidas durante séculos, degenerou, a partir do referido feminismo da igualdade, num ódio e num confronto com o género masculino, bem como numa luta para se imporem como o novo sexo forte, promovendo a rivalidade de género e considerando o homem como um adversário a ser superado.

Estas mudanças levaram a que a mulher rejeitasse certos aspetos de si mesma, próprios da sua personalidade e natureza feminina, para desenvolver aspetos mais semelhantes aos do homem, numa tentativa de se equiparar ou assemelhar a ele, sem compreender que a igualdade se refere ao tratamento e à consideração, e não à condição de género. E, evidentemente, não se trata de adotar os mesmos padrões errados, próprios de um machismo histórico a ser superado, e não imitado. Assim começou a gestar-se o feminismo radical ou de género, no seio da cultura pós-moderna, como um dos principais motores da ideologia de género e da modernidade líquida.

Ao mesmo tempo, estas transformações sociais profundas fizeram com que o papel do homem se tornasse consideravelmente difuso. Ele teve de abandonar os estereótipos ultrapassados de um modelo masculino machista e obsoleto, para apoiar as justas reivindicações da mulher que lutava por se reposicionar no novo cenário social. Tudo isto no meio da confusão e desorientação de não terem clareza sobre quais eram os seus novos paradigmas. Era evidente que o homem tinha de «sair», mas para onde? Vale a pena salientar agora que, do ponto de vista espiritual e no âmbito da luta entre o plano de Deus e o plano de Satanás para o destruir, a família e, concretamente, o papel do homem, têm estado na mira desde o início. Vejamos isto.

No contexto da origem e do desenvolvimento da crise da masculinidade, é necessário mencionar a estratégia subtil do inimigo, que, a partir da passividade de Adão — que relegou o homem do seu importante papel de responsabilidade para uma busca solitária da sua identidade «fora do lar» —, passando pela perda das estruturas de autoridade, pela perda do seu papel de marido e pai devido à absorção pelo trabalho desde a Revolução Industrial, pela perda de gerações de homens, seja pela sua morte no campo de batalha ou pelo seu maior isolamento emocional ao regressarem dos grandes conflitos mundiais, o género masculino chegou ao século XX dos hippies, da revolução sexual e do feminismo de género, arrastando a sua particular crise de identidade. Desde então, os homens têm tentado recuperar a sua autoridade a partir de postulados errados, evidenciando uma autêntica desorientação na sua identidade e uma ausência de papéis saudáveis e normativos de uma masculinidade equilibrada. Desta desorientação, confusão de identidade e propósito, tem-se alimentado o feminismo radical e o mundo da cultura LGBTI em geral, juntamente com os ideólogos destas modernas doutrinas niilistas.

Roteiro e propostas

O papel da família e da igreja como sal e luz face à corrupção social

O Salmo 11, no versículo 3, diz: «*Se os alicerces forem destruídos, o que fará o justo?*» Acreditamos que, em primeiro lugar e perante a evidente destruição dos alicerces da nossa civilização, hoje, mais do que nunca, nos cabe reivindicar o papel da família e o seu valor inegável. Por tudo isso, as igrejas sólidas reivindicamos o nosso direito de pensar de forma diferente, sem que por isso tenhamos de ser julgados ou acusados do crime de homofobia; reivindicamos o nosso direito de ser uma igreja que saiba diferenciar-se de uma sociedade na qual nos recusamos a diluir-nos. Queremos defender uma igreja sólida, firmemente enraizada na âncora dos valores criacionais e não dependente das oscilações culturais. E é uma igreja sólida como coluna e baluarte da verdade, que, a partir do respeito pelos diferentes coletivos LGBTI, não concorda e se opõe com firmeza à imposição das doutrinas da ideologia de género e aos postulados da modernidade líquida. O contrário seria defender um antropocentrismo laicista, em oposição ao teocentrismo bíblico que nos deve caracterizar como sal e luz.

«Uma nação condena-se a si própria quando os seus governantes legalizam o mal e proibem o bem, e quando a sua igreja se torna covardemente cúmplice através do seu silêncio»
(M. Luther King)

Trata-se, sem dúvida, de uma afirmação contundente que nos deve tirar da nossa zona de conforto e consciencializar-nos de que estamos num cenário de luta. Como coletivo de igrejas evangélicas nas suas diversas associações, como igrejas locais, como famílias e como indivíduos, temos de tomar partido ativamente. Particularmente esclarecedor para os tempos que correm é o conteúdo do capítulo 5 de Mateus. As bem-aventuranças descrevem-nos o *carácter* essencial dos discípulos de Jesus, enquanto as metáforas do sal e da luz descrevem-nos a sua *influência* no mundo. Nos tempos antigos, o sal era muito apreciado pela sua capacidade de preservar os alimentos da deterioração, a tal ponto que era objeto de comércio, atividade da qual deriva precisamente a palavra «salário». Mas o que é verdadeiramente profético para os nossos tempos não tem a ver com as suas qualidades, mas com o que se fazia com o sal quando já não servia: «*Vós sois o sal deste mundo, mas se o sal perder o seu sabor, como continuará a salgar? Já não serve mais do que para ser atirado para fora e ser pisado pelas pessoas*». Mt 5,13

A advertência é clara e a Palavra afirma que, quando nós, cristãos, que somos o sal da terra, nestes tempos em que estamos a ser atacados e oprimidos pela modernidade líquida e pelas suas doutrinas, não cumprimos a nossa missão de nos opormos com firmeza à corrupção ideológica que nos estão a impor, corremos o risco de sermos pisoteados e postos de lado da cena social. Se não

reagirmos rapidamente, continuarão a pisar os nossos direitos fundamentais e a marginalizar-nos como um coletivo à margem, pois: «*Se forem destruídos os fundamentos, o que fará o justo?*».

Prevenção e intervenção como ações de sensibilização social da Igreja

Pretendemos reafirmar e defender o enorme valor social do casamento e da família natural, enquanto instituição mais ameaçada e enquanto antídoto natural para evitar sermos arrastados pela maré desta sociedade líquida e à deriva. A visibilidade social a que, como crentes, somos chamados, deve ter duas frentes de ação claras: por um lado, a *prevenção* e, por outro, a *intervenção*.

Prevenção: Trata-se, face à *colonização ideológica* que nos invade, de trabalhar a *colonização teológica*, que inclui a importância de educar com base nos princípios bíblicos, sobretudo tendo em vista a formação de líderes e o ensino na igreja:

Formação de líderes: Cursos ou seminários de formação sobre todos os temas relacionados com a família e a sua realidade social, para que os líderes sejam os primeiros a receber formação, de modo a poderem, por sua vez, formar as suas congregações.

Formação pela igreja: Cursos para pais, palestras sobre o valor do casamento e da família, educação afetivo-sexual, workshops sobre os perigos da sociedade atual, aconselhamento e orientação familiar personalizada e especializada.

Intervenção: A intervenção abrange duas vertentes distintas, a que chamaremos intervenção paliativa e intervenção defensiva.

Intervenção paliativa: Criação, nas igrejas locais ou na cidade, de Centros de Orientação Familiar (COF), que, enquanto braço social da igreja, ofereçam aconselhamento familiar geral. Isto passa pela formação de assessores, orientadores e conselheiros familiares capacitados para prestar apoio ao conjunto das igrejas em cada cidade, seja nos referidos COF ou de forma particular. Contando ainda com profissionais cristãos formados em psicologia ou mediação familiar.

Intervenção defensiva: O protesto de Martinho Lutero ao afixar as 95 teses na porta da igreja de Wittenberg deu origem à Reforma Protestante. Certamente que, para uma reforma desta sociedade em questões de ética, moral e liberdade de expressão, é necessário que saibamos «afixar» os nossos protestos através dos meios de comunicação atuais: A pressão e a presença social são necessárias para fazer ouvir a nossa voz por meio de declarações, manifestações pacíficas que tornem visível a presença do povo evangélico, campanhas de recolha de assinaturas, manifestos divulgados através das redes sociais e *dos meios de comunicação social* em geral.

Outro aspeto importante é a defesa legal e o aconselhamento jurídico que nos informe, oriente e defenda face a possíveis ações judiciais decorrentes de diversas situações específicas resultantes das nossas declarações ou atuações enquanto crentes. Da mesma forma, esse aconselhamento

deve abranger a possível inclusão, nas declarações de fé ou nos estatutos das igrejas, de cláusulas que reflitam a nossa posição em matéria de ética sexual, homossexualidade e casamentos entre pessoas do mesmo sexo.

Perante esta batalha, o Senhor apoia o nosso trabalho e serviço a Ele, com as seguintes palavras em Lc 1,74: *«Que nos concederia que, libertos dos nossos inimigos, sem MEDO O servíssemos em santidade e justiça perante Ele, todos os nossos dias»*

Glória apenas a Deus!

Juan Varela

Texto traduzido com o DeepL Translate